

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

MEDIAÇÕES ENTRE AS EXPECTATIVAS DO LEITOR COMUM E DO CRÍTICO LITERÁRIO EM RELAÇÃO AOS CLUBES DE LEITURA

**Willian Eduardo Righini de Souza (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
São Paulo)**

MEDIATIONS BETWEEN THE EXPECTATIONS OF THE ORDINARY READER AND THE LITERARY CRITIC IN RELATION TO READING CLUBS

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Apresentam-se as contribuições e os benefícios da literatura segundo diferentes autores da teoria literária para discutir a legitimidade dos clubes de leitura a partir dos usos do livro e da leitura realizados pelos seus integrantes. O Brasil tem ganhado diversos clubes de leitura nos últimos anos, alguns de alcance nacional. Essa maior visibilidade, impulsionada pela Internet, estimula questionamentos sobre as razões do seu sucesso, o interesse em sua participação e os tipos de leitura que eles realizam ou mesmo incentivam. Na bibliografia internacional, encontram-se inúmeras críticas aos clubes, como a falta de uma discussão mais aprofundada da obra lida, a inobservância da intertextualidade, a pouca variedade de gêneros, entre outras características que, em alguns casos, transformariam o livro em apenas um acessório de um encontro entre amigos. Por outro lado, ao considerar as opiniões de leitores comuns, verificam-se diversas vantagens que os clubes trariam à vida de seus participantes. Nesse sentido, busca-se mostrar como os clubes de leitura, em crescimento no país, colaboram para reflexões sobre a importância da literatura tanto para o indivíduo como para a sociedade.

Palavras-Chave: Clube de leitura; Literatura; Sociabilidade literária; Mediação da leitura.

Abstract: The contributions and benefits of literature are presented according to different authors of literary theory to discuss the legitimacy of reading clubs from the uses of books and reading by their members. Brazil has gained several reading clubs in recent years, some of national reach. This increased visibility, driven by the Internet, encourages questions about the reasons for their success, interest in their participation, and the kinds of reading they carry out or even encourage. In the international bibliography, there are innumerable criticisms of the clubs, such as the lack of a deeper discussion of the book read, the lack of intertextuality, the lack of variety of genres, among other characteristics that in some cases would turn the book into an accessory of a meeting between friends.

On the other hand, when considering the opinions of ordinary readers, there are several advantages that clubs bring to the lives of their participants. Therefore, it intends to show how the reading clubs, growing in the country, contribute to reflections on the importance of literature for both the individual and society.

Keywords: Reading clubs; Literature; Literary sociability; Mediation of reading.

1 Introdução

Nos últimos anos, presenciamos o nascimento e posterior sucesso de diversos clubes de leitura no Brasil. O caso mais emblemático é o *Leia Mulheres*¹, surgido em 2015 em São Paulo e presente em mais de 45 cidades brasileiras. Outro exemplo de sucesso é o clube de leitura da editora Companhia das Letras, criado em 2010 e espalhado por 25 cidades do país. A partir deste quadro, brotam questionamentos sobre o que motiva leitores a participar desses encontros, seus gostos literários, o que eles esperam da leitura compartilhada e as dificuldades encontradas. No Brasil, praticamente não há estudos em português que analisam os clubes de leitura contemporâneos. Já na bibliografia internacional, identificamos críticas ao modelo de clube predominante na América do Norte ao menos até o início do século XXI, sendo visto como superficial e pouco heterogêneo, seja em relação ao perfil dos seus participantes como na escolha das leituras. A persistência dos clubes, contudo, com um crescente interesse de jovens, como indicam os diversos blogues, sites e perfis nas redes sociais que discutem obras lidas em conjunto ou simultaneamente, demonstra que eles continuam despertando a atenção de muitas pessoas, inclusive no Brasil, onde não há uma tradição de clubes literários como no hemisfério norte.

Desse modo, sem ignorar os seus problemas e limitações, pretendemos refletir sobre o papel da literatura em relação ao que é esperado da ficção pelos integrantes desses clubes. De maneira indireta, pensaremos sobre a própria razão de existência dos clubes e o impacto que a literatura, apreciada e discutida em grupo, tem na vida de seus participantes. Antes, para evitar confusões teóricas e metodológicas, devemos expor alguns posicionamentos sobre o aparecimento dos clubes contemporâneos e a sua nomenclatura.

Podemos retroceder vários séculos na discussão sobre leitura compartilhada. Na França e Inglaterra do século XVII, integrantes das classes populares adquiriam pequenos livros de baixo preço que eram lidos em grupo (CHARTIER, 2004). No século XVIII, intelectuais e políticos se reuniam em *salons littéraires* organizados majoritariamente por mulheres para comentar acontecimentos, notícias e leituras. Os encontros, com data e horário preestabelecidos, regados a boa comida e bebida, podiam contar com convidados ilustres que

1 O *Leia Mulheres* propõe ler apenas autoras para dar maior visibilidade ao gênero feminino no mercado literário.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

contribuiriam para a abordagem de um tema que ele era conhecedor. No início do século XIX, com a instauração do ensino obrigatório e as discussões sobre a educação das massas, bibliotecas francesas passaram a realizar leituras públicas e incentivar que famílias lessem livros em voz alta (RICHTER, 1977). Vários outros exemplos poderiam ser citados para mostrar que se reunir para ler e discutir obras literárias não são uma novidade, embora seja um anacronismo afirmar que clubes de leitura, no sentido percebido atualmente, existem há vários séculos.

O tipo de clube que tem se destacado, notadamente, a partir do final do século XX, possui especificidades que o diferencia de outros modelos. Primeiro, os clubes atuais não são criados para auxiliar pessoas com dificuldades para ler, promovendo leituras em voz alta para incluir analfabetos. Pelo contrário, os seus integrantes tendem a serem leitores vorazes. Ainda que muitos clubes realizem a leitura de trechos das obras durante os encontros, ela já foi feita individualmente em um momento anterior e as pessoas se reúnem para compartilhar as experiências e impressões que elas experimentaram ao ler a obra.

Os *salons littéraires* franceses, que existiram até o século XX, até apresentavam certas semelhanças com os clubes contemporâneos, como a regularidade, a valorização da literatura, a sociabilidade e o papel preponderante das mulheres em sua realização. Em contrapartida, eles se configuravam como um projeto muito mais abrangente em seu conteúdo e restritivo em relação aos seus membros. Os *salons* não se resumiam a discussões de livros, mas de qualquer assunto que despertasse o interesse dos seus convidados em um determinado momento: decisões políticas, guerras, descobertas científicas, novas teorias, entre outros. Não havia, de maneira geral, a indicação de uma leitura específica para participação, mas os encontros se organizavam por temas, que poderiam ser múltiplos. Por fim, sua participação não era aberta ao público.

Ainda assim, compreendemos que essas referências históricas reafirmam o caráter social da leitura, pois mesmo que o seu ato seja, sobretudo a partir do século XIX, silencioso e solitário, leitores têm demonstrado, ao longo do tempo, interesse em expor publicamente suas opiniões sobre um título, sugeri-lo aos seus conhecidos, emprestá-lo, lê-lo para outras pessoas e, nos anos mais recentes, divulgá-lo em redes sociais, blogues e páginas da Internet.

Neste trabalho, consideramos a ideia de clube de leitura como a reunião regular, geralmente mensal, de um grupo de pessoas para a discussão de um livro selecionado e lido previamente, embora a sua não leitura não seja um impeditivo para a presença nos encontros.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Assim, o clube possui um propósito definido, demandando leituras regulares e compartilhadas. Reuniões familiares para a leitura em voz alta ou encontro de intelectuais para a discussão de temas de interesse são referências de como a leitura e, especialmente, a reflexão sobre uma leitura podem ser um evento coletivo, mas não pretendemos alargar a definição de nosso objeto de estudo para incluir toda aglomeração que, ao longo da história, de uma forma ou de outra, discutia o conteúdo de um ou mais livros. Isso não significa que os diferentes modelos de reunião com alguma perspectiva literária identificados em séculos anteriores devam ser ignorados. Pelo contrário, eles ajudam a reafirmar o poder de sociabilização do livro e reforçar que o hábito de discutir a ficção coletivamente é muito mais antigo que o institucionalizado pelos clubes atuais. Entretanto, como a nossa intenção, neste momento, é questionar, entre outros tópicos correlatos, o papel da literatura a partir dos argumentos a favor e contrários aos clubes contemporâneos, deixamos esta reflexão para outra oportunidade.

Além de seus antecedentes, outro ponto que exige esclarecimentos é a sua nomenclatura: clube de leitura ou do livro? Preferimos o primeiro para evitar confusões com os clubes nos quais as pessoas pagam uma quantia mensal a uma entidade para receber em troca um ou vários títulos. É que oferece o *Book of the Month Club* desde 1926 nos Estados Unidos ou a *TAG Livros* desde 2014 no Brasil. O objetivo dos seus membros é adquirir livros, geralmente em edições personalizadas. Já em um clube de leitura, os integrantes podem pegar o livro emprestado em uma biblioteca ou pedir para um amigo, pois o seu intuito final não é a posse da obra, mas ter condições de discuti-la com outras pessoas. Acreditamos que esta diferenciação deva ser estabelecida para não confundir o clube idealizado para a discussão de livros com o clube voltado para a sua assinatura.

Estimativas apontam que havia cerca de 50 mil clubes de leitura na Grã-Bretanha e cerca de 500 mil nos Estados Unidos no início do século XXI (HARTLEY, 2002, p. XI). O seu crescimento ganhou impulso no final dos anos 1990 com a divulgação em diferentes meios de comunicação, sobretudo com o clube de leitura do programa da apresentadora Oprah Winfrey, a partir de 1996 nos Estados Unidos. Em torno de 500 mil espectadores liam ao menos uma parte do livro indicado. O programa recebia por volta de 10 mil cartas por mês de pessoas interessadas. As indicações da apresentadora garantiram 28 *best-sellers* consecutivos, provendo milhões de dólares para editores e escritores. O seu sucesso ainda serviu de inspiração para a criação de clubes em outros países, como na Grã-Bretanha, onde o clube

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

apresentado na Rádio 4 a partir de 1998 alcançou audiência de meio milhão de ouvintes (HARTLEY, 2002, p. 4-5).

Em 2015, a revista literária online *BookBrowse* realizou uma pesquisa com 3.011 adultos dos EUA que leem pelo menos um livro por mês para conhecer os seus hábitos de leitura. A finalidade não era conseguir uma amostra que representasse a população do país, mas daqueles que leem com regularidade. Os resultados indicaram que clubes de leitura fazem parte do dia a dia da maioria desses leitores: 57% frequentavam um clube, um percentual em crescimento contínuo desde 2004, data de realização da primeira pesquisa, quando 33% dos entrevistados eram integrantes. A sua frequência também aumentava de acordo com a idade: 68% dos entrevistados com mais de 75 anos participavam de um clube. No outro extremo, “apenas” 39% dos que possuíam entre 25 e 34 anos faziam o mesmo. 61% dos clubes possuíam até 10 integrantes, 69% liam entre 9 e 12 livros por ano, mantendo a proporção de um livro por mês, e a maioria era formado por mulheres (BOOKBROWSE, 2015).

Com a popularização da Internet nos anos 2000, a possibilidade de criar e divulgar um clube ganhou novo impulso. A partir do uso de blogues, sites e redes sociais, tornou-se mais simples e ágil divulgar encontros, apresentar livros e explicar a proposta dos clubes. Os seus participantes começaram a acompanhar quase todos os lançamentos das editoras, ler resenhas, participar de *chats* e procurar livros por mecanismos de busca. O impacto foi tão significativo que alguns clubes surgiram exclusivamente online. Neste modelo, as pessoas escolhem, leem e discutem a obra sempre pela Internet, abrindo a possibilidade de encontros virtuais entre leitores distantes.

Partindo, assim, do pressuposto de que o clube de leitura se realiza no encontro regular, físico ou virtual, de leitores para discutir livros, sobretudo literários; que, em sua configuração atual, quase sempre há uma maioria de mulheres que se reúne mensalmente para discutir um livro de ficção lido previamente; que este modelo e perfil se popularizaram no século XX, especialmente nos Estados Unidos e Inglaterra; que ele ganhou impulso no final do século beneficiado por programas de televisão e a massificação da Internet; e que não há uma data precisa para o surgimento do primeiro clube, embora ela possa ter sofrido influências de diversos acontecimentos, como a leitura em voz alta, os *salons littéraires* e os clubes do livro, questionamos a legitimidade desses encontros perante algumas funções atribuídas à literatura pelos estudos literários.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Reconhecemos que existem, ao redor do mundo, clubes com inúmeras formações e finalidades. Porém, não é o nosso intuito e não consideramos viável apresentar todas as variações possíveis. No Brasil, como dissemos, sequer há uma bibliografia satisfatória sobre o renascimento dos clubes nos últimos anos, impedindo conclusões mais sólidas. Portanto, para possibilitar a análise, recorreremos a discussões sobre os clubes de leitura em países onde eles estão consolidados, como nos Estados Unidos. Assim, a partir do que já foi identificado durante um maior período em outros lugares, como a presença majoritária de mulheres na maioria dos clubes, examinamos a equivalência com os exemplos brasileiros, levando-nos a perceber algumas diferenças ainda que não tenhamos dados estatísticos.

Não ignoramos os riscos da generalização, mas enfatizamos que nossas descrições apontam para tendências estabelecidas ao longo do século XX, sem esquecer que há casos que fogem à regra e que podem ser mais bem estudados em pesquisas voltadas para especificidades espaciais ou temporais. Apoiando-se na teoria já produzida em outros países, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de uma bibliografia brasileira sobre o tema.

Com este enfoque, apoiamos uma maior aproximação entre a Ciência da Informação e os estudos literários. Acreditamos, por exemplo, que as bibliotecas poderiam ter um maior protagonismo no crescimento dos clubes no Brasil. Em diversas cidades já existem clubes mediados por bibliotecários, ainda que não seja um serviço ou ação cultural recorrente nessas instituições, como hora do conto, oficinas, treinamentos e exposições. Para o seu sucesso, o profissional da informação precisa compreender o que atrai participantes para um clube, o tipo de leitura que eles procuram, a expectativa que eles têm em relação às discussões e ao mediador, além das possíveis contribuições que a coleção pode oferecer para a seleção das obras a serem lidas. Antes de propor um clube de leitura, um bibliotecário precisa justificá-lo, o que envolve pensar sobre a intenção e o ato de se reunir para ler e discutir um livro. Para isso, deve recorrer tanto aos estudos de usuários, reais e potenciais, como a reflexões relacionadas aos estudos literários, considerando as críticas à leitura participativa e os benefícios da leitura ficcional.

Defendemos que discutir temáticas da teoria literária contribui para uma maior interdisciplinaridade e uma melhor qualificação do profissional da informação como mediador em ações culturais. Para incentivar a sociabilidade literária é relevante observar as representações e os usos da leitura. Se participantes de um clube, por exemplo, desejam apenas selecionar temas de um livro para discussão, muito mais pessoas estarão aptas a

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

participar porque elas sequer precisarão realizar a sua leitura para serem capazes de emitir opiniões. Por outro lado, os vínculos entre os participantes serão mais fracos em razão da perda de uma experiência em comum: o esforço para ler uma obra em um tempo determinado a fim de conseguir interagir com outros leitores. Poderíamos reduzir essas variações ao funcionamento e estrutura dos clubes, mas elas abrangem questões mais amplas, como o modo como diferentes indivíduos entendem a importância da literatura e os seus possíveis efeitos, individuais e sociais.

Para dar maior voz aos leitores comuns, intercalamos a revisão de literatura com algumas falas dos participantes dos clubes de leitura investigados por Hartley (2002) e Radway (1987). A primeira realizou um estudo quantitativo com 350 clubes do Reino Unido entre 1999 e 2000, compilando as suas principais características (média de idade, tamanho, frequência, local de encontro etc.) com algumas opiniões de leitores. Já a segunda apresenta uma pesquisa qualitativa com 42 mulheres frequentadoras de um clube nos Estados Unidos do início dos anos 1980. Ambas confirmam que há uma diversidade de perfis de clubes e leitores, sendo que o nosso trabalho analisa os modelos majoritários. As intervenções dos leitores estão identificadas por um travessão.

2 Críticas aos Clubes de Leitura

Se há milhares de clubes de leitura no mundo e se estão cada vez mais populares no Brasil, inclusive com o apoio de grandes editoras, como a Companhia das Letras, eles também são alvos de inúmeras críticas. Ao observar clubes para crianças em bibliotecas do Canadá, por exemplo, Michaud (2003, p. 3) concluiu que a maioria não tem uma dimensão literária. Ao invés de recorrer ao texto para desenvolver atividades com os participantes, o verificado foi que o encontro se limitava ao tema da obra, utilizando-o para criar brincadeiras e atividades educativas: “o conteúdo do livro, sua estrutura e as características próprias do seu gênero não são abordados. No limite, uma simples bola poderia assumir o papel do livro e a atividade se realizaria da mesma maneira” (MICHAUD, 2003, p. 15, tradução nossa).

Como crianças podem ter dificuldade para entender a proposta de um clube de leitura e a utilização de elementos lúdicos auxiliam os mediadores a conquistar sua atenção, poder-se-ia pensar que esses desvios de foco são reservados aos clubes infantis. No entanto, problemas similares foram identificados em clubes adultos por diferentes autores. Barstow

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

(2013, p. 11) argumenta que, em suas pesquisas de campo, raramente viu um clube discutir o livro por mais de 15 minutos, logo alternando para assuntos não relacionados à obra. Nesse sentido, alega ser verdadeira a ideia de que muitos clubes usam o livro apenas como uma desculpa para se reunir e bater papo. Mesmo quando a atenção recai sobre a obra, as ponderações são superficiais, não analisando a estrutura do texto, sua linguagem e a relação com demais títulos.

— Nós usamos o livro como catalisador para explorar outros assuntos (HARTLEY, 2002, p. 91, tradução nossa).

Outra crítica apresentada por Barstow (2013, p. 11) é de ser comum grupos evitarem leituras consideradas difíceis, preferindo enredos sentimentais. Esta situação foi relatada por Radway (1987) ao pesquisar, na década de 1980, um clube de leitura formado por mulheres nos Estados Unidos. Para as integrantes, um bom romance deveria focar em uma heroína inteligente e capaz que se realizaria no encontro com um homem protetor e amoroso (RADWAY, 1987, p. 54). A felicidade da protagonista dependeria de um companheiro, sendo que, para essas leitoras, um bom romance deveria, necessariamente, ter um final feliz. Sobre as razões da leitura, 33% afirmaram que liam para relaxamento e 28% disseram que era uma oportunidade de ter um tempo reservado ao seu lazer individual, desvinculado das obrigações familiares que elas acreditavam precisar cumprir (RADWAY, 1987, p. 61).

Ao observarmos o perfil de clubes criados nos últimos anos, seja no Brasil como no exterior, sugerimos que possa estar ocorrendo uma mudança ou, no mínimo, uma maior diversificação nos gêneros privilegiados. Seja no *Leia Mulheres* como no clube da Oprah, identificamos a leitura de clássicos da literatura, autores considerados eruditos e obras recomendadas pela crítica. Enquanto há uma grande quantidade de clubes femininos nos Estados Unidos e Inglaterra que se dedicam à leitura da literatura chamada “rosa”, alguns deles há décadas e de maneira ininterrupta, clubes mais contemporâneos, com um público mais jovem que utiliza a Internet tanto para compartilhar impressões como para pesquisar sobre títulos, apresentam uma lista de livros mais heterogênea. Também não encontramos clubes nacionais exclusivos para mulheres, como é comum no exterior, garantindo uma composição mais diversa. Ainda assim, permanece a ideia, sobretudo na América do Norte, onde clubes de leitura não são uma novidade, de que os enredos da maior parte das obras selecionadas são previsíveis e as discussões rasas.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Burgos, Evans e Buch (1996, p. 58-59) creditam aos clubes de leitura o oferecimento de um espaço de sociabilidade para pessoas com mais de 40 anos, com a vida estabilizada, interessadas em fazer novas amizades, formar vínculos de convivência e aprender com o outro. Desta forma, tão importante quanto realizar uma leitura rica e prazerosa seria reunir-se em grupo, conversar, compartilhar experiências, sentir-se integrado. Nesse sentido, com exceção de casos específicos, como clubes de leitura universitários, os participantes veem e frequentam essas reuniões como uma atividade de lazer e não de estudo, embora ambas possam coexistir.

— Não há nada muito poderoso, competitivo ou pretencioso neste grupo. Somos apenas mulheres comuns e trabalhadoras que se divertem ao se reunirem para conversar sobre livros.

— Nós não somos intelectuais; apenas pessoas comuns.

— Nós não queremos sentir como se estivéssemos estudando. É leitura por prazer (HARTLEY, 2002, p. 90 e 101, tradução nossa).

Em uma etnografia em clubes de leitura de Lyon - França, Albenga (2011, p. 92) encontrou tanto pessoas em busca de novos romances que aumentariam o seu capital cultural como interessados em encontrar leitores com gostos similares dispostos a discutir as últimas leituras, o que permitiria momentos de sociabilidade. Especialmente no segundo caso, os entrevistados consideravam que não havia muitas pessoas com quem conversar sobre as suas leituras nem sobre as reflexões que elas suscitavam, sendo o clube um refúgio contra o isolamento. Verifica-se que é muito mais frequente indivíduos procurarem um clube por sentir necessidade de conversar com outras pessoas, inclusive sobre assuntos não relacionados à obra literária, do que por acreditarem que entenderiam melhor um livro discutindo-o em grupo, ainda que possam reconhecer este efeito.

Essas características, mais visíveis fora do Brasil, tanto em razão da maior quantidade de clubes como do destaque da literatura “rosa”, alimentaram diversas visões negativas sobre essas reuniões: de que o livro recebe pouca atenção; que os integrantes não possuem capital cultural para abordá-lo em profundidade; que não há continuidade entre um encontro e outro, impedindo que a discussão sobre um tópico avance; que a seleção de livros não apresenta diversidade; que os enredos são frágeis e repetitivos; entre outros pontos que indicariam um grande distanciamento em relação, por exemplo, a um curso universitário que analisa obras literárias.

De fato, podemos considerar limitados os clubes de leitura que abordam a obra apenas em seu aspecto emocional, não provocando reflexões sobre o uso da linguagem, o gênero literário, a estrutura narrativa, a intertextualidade etc. Porém, entendemos que antes de apontar essas supostas carências, devemos indagar qual o propósito de um clube, quais os benefícios que ele traz para os seus participantes, se o uso que eles fazem da obra literária é justificável e se estão satisfeitos com esse modelo de interação. Muitas vezes, as críticas partem de uma perspectiva externa que reflete a opinião do especialista sobre o que ele considera ideal para uma leitura compartilhada, desmerecendo visões que fogem de um perfil erudito. Percebe-se que é corriqueiro clubes abdicarem de uma análise formal do texto literário para uma reflexão mais aberta, misturando impressões sobre a obra com comentários de cunho pessoal. Como, nesses casos, o prazer se sobrepõe ao estudo, os clubes reforçam uma concepção dessacralizada da leitura e do livro.

3 Por que ler?

Antes de desmerecer as escolhas literárias ou a capacidade de análise dos integrantes dos clubes, entendemos ser preciso refletir sobre os porquês das pessoas lerem ficção e, depois, as vantagens de se discutir a sua leitura em grupo. Algumas críticas sugerem que os clubes deveriam fazer uma análise textual, comparar textos do mesmo autor, ler os clássicos ou títulos chancelados por especialistas. A leitura por simples prazer, sem compromisso, acaba por ser vista com uma atividade inferior ou incompleta, até porque alguns livros selecionados são conhecidos pelo enredo previsível e linguagem pouco rebuscada. Ao verificar outras perspectivas, consideramos o pressuposto de que, embora possa melhorar e se tornar ainda mais atraente, uma das principais contribuições dos clubes está exatamente em sua concepção de leitura.

Todorov (2009) já alertava em *Literatura em Perigo* sobre os riscos de substituir a leitura de ficção como meio para se pensar a existência humana pelo estudo literário que pretende dissecar a estrutura textual. Desse modo, a leitura deixa de ter como princípio fundamental a apresentação de uma visão de mundo que nos provoca sentimentos e reflexões para servir de objeto de análise de expressões linguísticas, do estilo do autor, das regras de um gênero etc., afastando-se da vida cotidiana para limitar-se aos muros das escolas e universidades.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Ao se indagar por que ama a literatura, Todorov conclui que ela o ajuda a viver. Ela o faz descobrir novas culturas, compreender melhor as pessoas, suas próprias experiências, além de permitir outras formas de interpretar o mundo (TODOROV, 2009, p. 23). O autor acredita não ser o único a pensar desta forma e, de fato, podemos encontrar esse tipo de justificativa entre membros de clubes de leitura (RADWAY, 1987; HARTLEY, 2002).

— Eu sinto estar aprendendo algo novo e me desenvolvendo de um modo diferente.

— Eu ganhei mais confiança.

— Eu estou mais sensível às opiniões dos outros (HARTLEY, 2002, p. 128, tradução nossa).

Seja uma literatura “rosa” ou um *western*, o livro tem o potencial de afetar e transformar a vida dos seus leitores. Desse modo, além de avaliar a obra em si, seria necessário dar maior atenção à recepção e a apropriação dos livros escolhidos para leitura, mesmo porque a seleção não é sem critério.

Ela [a literatura] nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p. 24).

Na escola, estabeleceu-se ensinar sobre o período que a obra foi escrita, se ela pertence ao romantismo, realismo ou modernismo, ler análises que resumem as suas principais características, fazer exercícios com frases soltas extraídas do texto e buscar prever o que pode ser questionado no vestibular. Todorov reflete sobre o sistema educacional francês, mas várias das suas inquietações poderiam ser aplicadas ao Brasil.

Disciplinas dispensam meses para estudar a crítica ou história literária sem reservar um maior tempo para a leitura da obra em si e para debates sobre as interpretações que surgiram e tocaram os leitores, sendo exatamente a falta de uma abordagem acadêmica e mais distanciada que provoca desdém pelos clubes entre aqueles que estão mais preocupados com uma leitura profissional e embasada na teoria.

Assim como alunos do ensino médio, integrantes de clubes de leitura não são especialistas em literatura. Embora seja um local de frequência de leitores assíduos, a sua composição inclui pessoas de diferentes idades, classes sociais e capital cultural. Aqueles que

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

o frequentam estão, em sua maioria, a procura de um momento de lazer, que pode ser o contrário do que encontrariam no ambiente escolar.

Harold Bloom (2001) parece concordar com boa parte das considerações de Todorov, já que também lamenta que o ensino formal tenha afastado as pessoas da literatura, que deixam de relacioná-la ao prazer. O autor é enfático ao defender a leitura como hábito pessoal e não como prática educativa (BLOOM, 2001, p. 17-19). Por ser alteridade, a literatura aliviaria a solidão, ajudando a superar perdas, distâncias e desilusões. Em relação aos clubes de leitura, podemos pensar que ela não apenas pode combater a solidão, mas torna-se pretexto para a interação entre diferentes leitores. Contudo, Bloom expressa sua oposição a uma ideia de bem-estar ou prazer social na leitura. Adepto da arte pela arte, o autor defende a leitura de ficção pelo prazer que ela pode causar ao indivíduo, não a atrelando a nenhum ganho coletivo. Em razão de seus princípios, Bloom se opõe às propostas de vincular a literatura com temáticas sociais ou mesmo recorrer ao apelo histórico, considerando mais uma fuga da ficção. Para ele, a justificativa para ler está no prazer que a literatura provoca, permitindo melhor conhecer a vida, as pessoas e nós mesmos.

Nesta perspectiva, a visão de Bloom aponta um aspecto positivo e outro negativo em respeito à maioria dos clubes de leitura. Por um lado, os leitores o frequentam porque gostam de ler e expressam os benefícios que a leitura oferece, não muito diferentes dos argumentos dele mesmo e de Todorov: ela é um antídoto contra a solidão, ajuda a entender as relações humanas etc. Por outro lado, é frequente a vinculação do enredo com o mundo ao redor, com os acontecimentos da atualidade, as experiências relatadas pelos participantes. Assim, ao promover interações sociais a partir de uma leitura, o clube acaba por lançar dúvidas sobre a validade do posicionamento de Bloom de que ela não pode ser um ato social. Alguns dos seus integrantes defendem outra perspectiva:

- Você lê diferente quando está na expectativa do próximo encontro. Você fica mais reflexivo.
- A disciplina é valorizada. Ler com um propósito.
- Ler em grupo é muito diferente de ler sozinho.
- Geralmente, [o clube] me faz reler o livro com um ponto de vista diferente (HARTLEY, 2002, p. 127, tradução nossa).

É certo que cada leitor recepiona o texto de uma maneira e o próprio clube é uma oportunidade para evidenciar a singularidade de cada interpretação. Entretanto, ao

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

compartilhar o que refletiram e sentiram para discussão coletiva, muitos reveem suas interpretações e passam a perceber o texto de outra maneira. No momento da leitura, cada indivíduo se apropria do texto de um modo único. Porém, os seus efeitos podem permanecer após o fechamento do livro, sofrendo interferências de estímulos externos.

Compagnon (2007) elenca três razões que explicariam, ao longo da história, o poder da literatura. Primeiro, recorrendo a Aristóteles, a literatura seria *mimesis*, portanto, representação ou ficção. Diferente dos animais irracionais, o ser humano aprende e sente prazer ao representar o mundo, sendo a literatura um dos meios privilegiados para esta ação. Como lugar de diferença, a literatura contribuiria para educar moralmente, promovendo a tolerância, o respeito por outras culturas e outros modos de vida que não estão próximos da nossa realidade ou que tivemos a chance de conhecer apenas superficialmente. Nesse sentido, o primeiro benefício apresentado por Compagnon já contradiz o argumento de Bloom de que a literatura não contribui para o bem-estar social.

O segundo poder da literatura seria ser um remédio contra o autoritarismo e o obscurantismo. Esta noção, surgida nas Luzes e reforçada no Romantismo, atribui à literatura o desvendar do mundo, a capacidade de liberar o homem da sujeição ao Estado e à religião. A leitura, como experiência autônoma, auxiliaria para a liberdade e responsabilidade do indivíduo perante a violência e arbitrariedade de instituições que se aproveitam da ignorância humana.

Já o terceiro poder corrigiria os defeitos da língua. Ainda que a literatura consiga alcançar os mais diferentes tipos de pessoas, ela faz por um uso próprio da língua, no caso, poético ou literário. Assim, ao colocar em destaque a forma, ela serviria não apenas para corrigir, mas para alimentar e desenvolver a língua, inclusive quando a subverte: “jogando com a língua, a poesia transborda suas servidões, visita suas margens, atualiza suas nuances e a enrique fazendo violência: ‘a única maneira de defender a língua francesa é atacando-a’” (COMPAGNON, 2007, tradução nossa), escreveu Proust à madame Straus em 1908.

Compagnon (2007), todavia, observa a crescente postura entre escritores, ao menos desde o século XIX, de negar funções à literatura. Barthes, por exemplo, atribuía à literatura apenas o poder de respirar, rejeitando qualquer capacidade instrumental, seja pedagógica, ideológica ou linguística. Esta recusa de vê-la além da recreação e fruição permitiu, segundo Compagnon, o surgimento de uma visão oposta àquela das Luzes, que conferia à literatura o símbolo da liberdade: agora, muitos veriam a leitura de ficção como uma fuga da realidade,

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

uma tentativa de evitar as dificuldades da vida, ou seja, um meio de alienação e manipulação que o Estado poderia empregar para distrair, controlar e acalmar as massas. Muitos leitores, aliás, se interessariam pela literatura por ela oferecer este resultado:

- Eu sou capaz de escapar deste mundo difícil algumas horas por dia.
- Todo mundo está sob muita pressão. As pessoas gostam de livros que as deixam fugirem [deste mundo].
- Eu sinto que há muita “realidade” no mundo e ler é uma forma de escapismo para mim (RADWAY, 1987, p. 88-95, tradução nossa).

Para Barthes (1987, p. 21-22), a leitura pode causar tanto prazer como fruição. O prazer seria provocado quando nos reconhecemos no texto, o lemos a partir do nosso pertencimento a uma cultura. Já a fruição ocorreria quando o texto nos arranca da zona de conforto, questionando nossas referências históricas, culturais, linguísticas e psicológicas. Enquanto o primeiro causaria conforto e sentimento de proximidade, o segundo produziria insegurança e instabilidade. O prazer, entretanto, não seria um elemento passivo, uma acomodação. Como ele depende do leitor, ele surgiria do seu investimento na leitura. Ao aproveitar esta constatação, Barthes reafirma que a leitura é um ato individual e que o prazer proporcionado não deve ser entendido como um efeito homogêneo e de alcance social.

Dos dois lados [à esquerda e à direita política], a ideia bizarra de que o prazer é coisa *simples*, e é por isso que o reivindicam ou o desprezam. O prazer, entretanto, não é um *elemento* do texto, não é um resíduo ingênuo; não depende de uma lógica do entendimento e da sensação; é uma deriva, qualquer coisa que é ao mesmo tempo revolucionário e associal e que não pode ser fixada por nenhuma coletividade, nenhuma mentalidade, nenhum idioleto. Qualquer coisa de *neutro*? É fácil ver que o prazer do texto é escandaloso: não porque é imoral, mas porque é *atópico* (BARTHES, 1987, p. 33).

Por muitos clubes de leitura priorizar a literatura de massa, é mais comum eles exaltarem o prazer que o texto causou do que a fruição. Além disso, o prazer do texto, ao contrário da fruição, possui um aspecto social, pois embora o autor relacione-o ao associal por ser fruto de recepções particulares, o mesmo assume que ele se alimenta do reconhecimento do leitor a uma cultura, a um mundo que ele faz parte.

Barthes (1987, p. 52-53) duvida da possibilidade de fruição em uma cultura de massa por ela ser originária de um modelo pequeno-burguês. Para ele, a fruição depende da ruptura, da descontinuidade, do que ele chama de “perda abrupta da socialidade”. Ainda assim, o autor, que se opõe ao estruturalismo como Todorov, não faz críticas à qualidade da literatura de

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

massa, pois, como enfatiza, se o seu foco é o prazer gerado pela leitura e não o respeito a um determinado estilo ou regra, não faz sentido afirmar que um texto é bom ou mau: “o texto (o mesmo sucede com a voz que canta) só pode me arrancar este juízo, de modo algum adjetivo: *é isso!* E mais ainda: *é isso para mim!*” (BARTHES, 1987, p. 21).

Já outro autor, Antonio Candido, embora também teça críticas ao modelo estruturalista, difere-se de críticos que vê a literatura somente como prazer individual, defendendo-a como força humanizadora que exerce papel relevante na formação do homem como ser social. Sem abandonar as análises formais, ele se interessa pelo contexto para compreender os problemas individuais e sociais que afetam a obra e o leitor.

Partindo do princípio de que há uma necessidade universal por ficção, seja enquanto indivíduo como grupo, o primeiro poder que ele atribui à literatura é a sua capacidade psicológica. Nesse sentido, a literatura serviria como uma mediadora entre a realidade e a fantasia, pois nunca é pura, mas se inspira ou refere a algo do mundo real: lugares, costumes, pessoas, valores etc. (CANDIDO, 1999, p. 83). Nesse sentido, Candido (1999) sublinha o papel do contexto, pois ainda que a leitura seja uma atividade privada e singular, ela não deixa de ser influenciada pelo social.

A segunda contribuição indicada por Candido é a educativa. Ele acredita que a literatura pode formar o homem, mas não de maneira estritamente pedagógica, como em um ensino formal. Seu papel educacional viria da capacidade de apresentar a vida com riqueza de detalhes e nuances, permitindo que melhor entendamos sua complexidade, diversidade social e sentimentos que o ser humano é capaz de produzir e experimentar. A literatura educaria como a vida. Por esta razão, sofreria censura daqueles que esperam que ela ensine bons costumes e certos valores morais, excluindo tudo aquilo que incomoda, contradiz dogmas e questiona posicionamentos majoritários. “Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1999, p. 85).

Por último, o autor considera o que ele denomina de função de conhecimento do mundo e do ser, quer dizer, a capacidade da literatura em retratar uma realidade. Ele entende que a obra tem autonomia de significado, uma coerência interna, mas esta autonomia não a impede de representar uma realidade social, podendo, inclusive, atuar sobre ela. Como exemplo, cita o regionalismo brasileiro, que seria “cheio de realidade documentária” (CANDIDO, 1999, p. 86).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Recorrendo a uma concepção ampla de literatura, que envolve qualquer forma de ficção, Candido a apresenta como uma necessidade básica do ser humano, como a alimentação, a liberdade e a saúde. Neste aspecto, seu posicionamento se assemelha a de Calvino (1990) quando este aborda sua função existencial, ou seja, o homem teria mais condições de suportar o peso do viver ao recorrer ao imaginário, às fábulas e ao folclore. O bem estar social e a vida plena estariam intrinsecamente ligados à existência da literatura, pois ela enriqueceria e humanizaria tanto o indivíduo como o grupo a qual ele pertence.

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

Candido defende que, sobretudo, pelo seu conteúdo, que faz referência a uma realidade, e pelo prazer/ fruição que ela provoca, preenchendo uma necessidade humana universal, a literatura pode servir para denunciar opressões sociais, negação de direitos, situações de abandono, entre outros quadros que fazem parte da luta pelos direitos humanos. Ao descrever, organizar e desmascarar o mundo e nossos sentimentos, ela poderia nos libertar (CANDIDO, 2011, p. 188). O autor não defende o abandono do estruturalismo, mas pensa e estuda a literatura tanto sob a perspectiva da estrutura como da função, estabelecendo um diálogo entre uma perspectiva analítica e outra crítica.

4 Considerações finais

Identificamos críticas aos clubes de leitura pelo seu aspecto informal, a pouca discussão sobre a estrutura da obra, o estilo do autor e os gêneros privilegiados. Muitos clubes são descritos apenas como reuniões nas quais pessoas descrevem suas experiências de vida, com ou sem relação com a obra. Porém, se considerarmos a visão pós-estruturalista que defende a literatura pelo prazer que a sua leitura provoca, o funcionamento dos clubes pode ser entendido como uma comprovação da validade desta abordagem. As pesquisas já realizadas, como a de Radway (1987) e Hartley (2002), confirmam que os seus integrantes relatam frequentá-los porque os ajudam a compreender a vida, suportar os problemas do dia a dia, pensar em outras possíveis realidades, entre demais opiniões que se assemelham ao

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

destacado por teóricos que apoiam o papel estético, representativo e recreativo da ficção. Se o benefício da literatura é proporcionar prazer, os clubes parecem oferecer esta oportunidade.

Já quando atribuímos à literatura também uma função social, a contribuição dos clubes torna-se dúbia. Se esta função se realiza quando os leitores entram em contato com a alteridade, o embate de ideias, com um universo que eles ainda não conhecem, não há dúvidas de que muitos clubes dispõem desta característica. Se, por outro lado, essa função social se estabelece ao denunciar uma realidade, lançar luz sobre injustiças e violações de direitos, devemos antes dar uma maior atenção para os livros lidos nesses encontros. De todo modo, acreditamos ser muito mais coerente entender a função social em seu primeiro sentido, pois, caso contrário, ela não seria uma característica da literatura, mas de um conjunto delimitado de temas abordados pela ficção.

A ideia da literatura como o despertar para dilemas existenciais e sociais se aproxima da noção de fruição de Barthes, embora ele enfatize o seu caráter individual. Como citamos, a fruição provém da novidade, da descoberta, de uma revisão de valores e representações, portanto, causa inquietação. Deste modo, embora não seja um argumento desenvolvido por Barthes, ela tem o potencial de incentivar o leitor a questionar a realidade e buscar soluções, inclusive coletivas, para situações concretas ou simbólicas que o incomodam.

Quando pessoas se reúnem para discutir o conteúdo de um livro, o diálogo se estende para além do leitor e autor. Com diversas pessoas apresentando suas percepções, a riqueza de reflexões tende a aumentar. Se a leitura continua gerando uma interpretação individual, ela não é penalizada com a posterior discussão em grupo, mas ganha uma nova perspectiva. Assim, alguns dos benefícios da leitura, como o contato com a diferença e a complexidade humana, são potencializados quando ela é discutida coletivamente.

Entendemos que muitas das críticas à seleção de livros não se sustentam em uma perspectiva pós-estruturalista. Se alguns duvidam da capacidade da literatura de massa em desvendar o mundo e o próprio leitor, outros denunciam a exclusão da análise da recepção e da apropriação literária no julgamento do poder de um texto. Para esses últimos, os clubes são exemplos de que não é possível definir previamente quais questionamentos um livro pode estimular.

Pesquisas de campo têm revelado leituras diversificadas e surpreendentes de acordo com o perfil e o contexto social dos leitores (RADWAY, 1987). Um texto não é bom ou ruim para o leitor comum simplesmente porque um crítico assim entendeu, ainda que se apoie em

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

teorias acadêmicas. Os integrantes dos clubes estão mais interessados em uma possibilidade de troca de experiências provocadas pela leitura, sejam elas negativas ou positivas, do que apontar a contribuição de uma obra para a história da literatura ou desenvolvimento de determinado gênero.

- Eu aprecio escutar a história do livro por outro ângulo.
- Nós apreciamos a falta de uma autoridade.
- Nossa única estrutura é alguém dizendo: bem, o que você pensa?
- O objetivo é ouvir o ponto de vista e opinião de cada um (HARTLEY, 2002, p. 84-85, tradução nossa).

A maioria dos críticos literários contrários ao modelo dominante de clubes de leitura não ignora as abordagens pós-estruturalistas e também prezam pelo prazer estético. O que eles denunciam é a falta de uma discussão e exame mais apurado da obra lida, que consideraria os seus mais diversos aspectos linguísticos, intertextuais e sócios históricos. Não são críticas vazias e, se levadas em consideração, poderiam melhorar o funcionamento e contribuição dos clubes para a prática da leitura. Todavia, pensamos que a maior parte desses trabalhos possuem uma falha ou limitação: eles não problematizam previamente o objetivo de um clube de leitura e os anseios dos seus participantes. Critica-se uma forma de leitura e posterior interação social a partir de uma noção de leitura ideal, muito mais próxima das exigências das disciplinas acadêmicas do que das expectativas de leitores comuns que apenas procuram um espaço de interação social. Nesse sentido, acreditamos que a crítica pós-estruturalista se destaca ao priorizar o gosto do leitor, respeitando as suas escolhas literárias e o uso dessacralizado do livro e da leitura.

Ao reconhecer que existem diferentes percepções sobre os clubes de leitura, algumas delas conflitantes, apresentamos questionamentos sobre as razões que as pessoas encontram para participar dos encontros e o que as motivam a compartilhar suas experiências. Os clubes também permitem reflexões sobre o alcance da literatura, se ela possui um papel social ou deve ser considerada apenas sob a perspectiva de uma apropriação individual. As teorias da recepção e das práticas de leitura já ofereceram inúmeras contribuições aos estudos literários. Uma maior atenção ao funcionamento dos clubes de leitura pode não somente complementar as visões atuais como apresentar novas formas de sociabilidade literária, repensar o papel do mediador em relação aos diferentes anseios dos leitores e estimular um maior protagonismo das bibliotecas e do profissional da informação em sua disseminação.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

Referências

ALBENGA, Viviane. “Devenir soi-même” para la lecture collective : une approche anti-individualiste. **Culture & Musées**, v. 17, n. 1, p. 85-106, 2011. Disponível em: < http://www.persee.fr/doc/pumus_1766-2923_2011_num_17_1_1598 >. Acesso em: 23 mar. 2017.

BARSTOW, Jane Missner. Reading in groups : women’s clubs and college literature classes. **Publishing Research Quartely**, v. 18, n. 4, p. 3-17, Winter 2013. Disponível em : < <https://link.springer.com/article/10.1007/s12109-003-0010-x> >. Acesso em: 12 mar. 2017.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOOKBROWSE. **Book clubs in the USA**. Saratoga: Bookbrowse, 2015. Disponível em: < <https://www.bookbrowse.com/blogs/editor/index.cfm/2015/7/28/Free-White-Paper-Book-Clubs-in-The-USA> >. Acesso em: 10 maio 2017.

BURGOS, Martine; EVANS, Christophe; BUCH, Esteban. **Sociabilités du livre et communautés des lecteurs: trois études sur la sociabilité du livre**. Paris: Éditions de la Bibliothèque, 1996. Disponível em:< <http://books.openedition.org/bibpompidou/1802?lang=fr> >. Acesso em 22 maio 2017.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, p. 81-90, 1999. Disponível em: < <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/3560> >. Acesso em 28 abr. 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Unesp, 2004.

COMPAGNON, Antoine. La littérature, pour quoi faire ? Leçon inaugurale prononcée le jeudi 30 novembre 2006. Paris: Collège de France, 2007. Disponível em: < <http://books.openedition.org/cdf/524>>. Acesso em 04 jun. 2017.

HARTLEY, Jenny. **The reading groups book**. 2. ed. London; New York: Oxford, 2002.

MICHAUD, Sophie. **Conception d’un modèle de club de lecture d’été en bibliothèque publique, avec orientation littéraire, pour les enfants de 9 à 12 ans**. 2003. 158 f. Mémoire (Mestrado em Estudos Literários)-Université du Québec, Trois-Rivières, 2003.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

RADWAY, Janice A. **Reading the romance** : women, patriarchy, and popular culture. London; New York: Verso,1987.

RICHTER, Noë. Aux origines du club de lecture. **Bulletin des Bibliothèques de France**, Paris, n. 4, p.207-221, 1977. Disponível em : < <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf1977040207002> >. Acesso em 10 maio 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.